

Fantasmas e crise moral

Luiz Carlos Bresser-Pereira
Folha de S.Paulo, 06.12.04

O governo comemora o crescimento de 5,3% do PIB para este ano, e não obstante o maior economista que o Brasil teve no século 20, Celso Furtado, morreu frustrado. Alguém que, melhor do que ninguém, pensou o desenvolvimento econômico e social do Brasil viu essas esperanças serem desfeitas -primeiro com o regime militar de 64, depois com o fracasso do novo regime democrático em retomar o desenvolvimento, em 1985, e, finalmente, nestes últimos dois anos, ao verificar que o governo que apoiara traía suas promessas de campanha.

Seja porque teve seus direitos políticos cassados em 1964, seja porque não tinha dúvida em afirmar que o movimento dos sem-terra é fundamental para a justiça social no Brasil, os conservadores sempre foram tentados a ver Furtado como um radical. Nada mais equivocado. Ele era um homem cuja visão ampla e moral do Brasil não o impedia de saber bem quais eram os limites do possível. Mas ele não podia deixar de se indignar com o radicalismo de setores das elites brasileiras que, em nome de uma modernidade cosmopolita e de suas próprias inseguranças, é incapaz de pensar o Brasil em termos nacionais e de longo prazo.

A esse respeito a demissão de Carlos Lessa do BNDES foi emblemática. A dureza com que essas elites conservadoras o trataram desde que ele assumiu seu cargo foi extraordinária. Acusavam-no de incompetente, de atrasado, de que estava destruindo o BNDES. No momento de sua demissão, porém, o que tinham a dizer os editoriais da imprensa que serve de veículo para o cosmopolitismo dessas elites? Nenhuma crítica substantiva apareceu neles -sobrou apenas ideologia. O BNDES estava incólume. Carlos Lessa, sem dúvida, poderia ter sido mais moderado em algumas de suas críticas à política econômica. Em alguns momentos, ele se perdeu em excessos verbais. Em compensação, ele tinha, no governo, o papel fundamental de contrabalançar a ortodoxia convencional das autoridades monetárias.

Poderá Guido Mantega continuar a desempenhar esse papel equilibrador? Espero que sim. Ele vai para o BNDES com uma excelente equipe. Mas a demissão de Carlos Lessa é mais um capítulo da crise em que novamente se encontra imerso o governo federal. Do desencontro interno que se expressou também na série de demissões de outros colaboradores desencantados ou em conflito com o pragmatismo de curto prazo que caracteriza esse governo.

Era essa traição que amargurava Celso Furtado, como ele próprio me disse várias vezes neste último ano. Ele sabia que Lula não poderia deixar de fazer compromissos quando chegasse ao poder. Mas sabia também que, para garantir a estabilidade e adotar

uma estratégia nacional de desenvolvimento, é essencial que haja um grande acordo envolvendo empresários, trabalhadores e técnicos do governo -um acordo que não impeça a luta dos pobres por maior justiça social, mas identifique todos com essa estratégia nacional. Ora, era exatamente isso o que Furtado não via acontecer. Ao contrário, o que presenciamos é uma sociedade dividida e uma crise antes moral do que política no seio do governo. A falta de coragem de enfrentar ameaças vindas dos setores interessados paralisa o governo, faz com que ele mantenha uma taxa de juros básica do Banco Central (Selic) absurda, que só não reduz mais os investimentos privados porque é compensada por subsídios de crédito, mas sem dúvida mantém a poupança pública negativa e inviabiliza os investimentos públicos em infra-estrutura. Leva-o também a deixar que a taxa de câmbio se valorize em relação ao dólar, quando a recuperação cíclica a que estamos assistindo, depois da crise de 2002 e 2003, decorre principalmente de a depreciação cambial haver promovido um grande aumento das exportações.

O crescimento deste ano acabou sendo maior do que todos esperavam, mas estava claro que 2004 seria um ano positivo. A economia retomava depois da crise e se beneficiava do câmbio elevado e de um ambiente internacional muito favorável. Entretanto, com a apreciação do real, veremos em breve os investimentos para a exportação declinarem. Por outro lado, com transferências indevidas de quase 10% do PIB (excesso da taxa Selic mais subsídios de crédito compensatórios) para os rentistas, o governo não logrará aumentar a poupança pública e o investimento. Dessa forma, sem o necessário aumento dos investimentos, a economia continuará a crescer a taxas insatisfatórias, incapazes de resolver o problema do emprego e da pobreza no Brasil.

Em seu último livro, "Em Busca de Novo Modelo" (2002), Celso Furtado mostra que sua visão da economia brasileira e da sua inserção na economia global continua mais ampla e atualizada. E mostra também que ele não havia deixado de ter esperança, embora a mesclasse com justa angústia. Ele sabia que os obstáculos que as nações supõem enfrentar são muitas vezes mais imaginários do que reais e por isso conservava sua crença no futuro. O governo brasileiro, porém, continua atemorizado com os fantasmas que os interessados não cessam de criar e se submete a uma ortodoxia convencional vinda do exterior que nega a própria idéia de nação.